

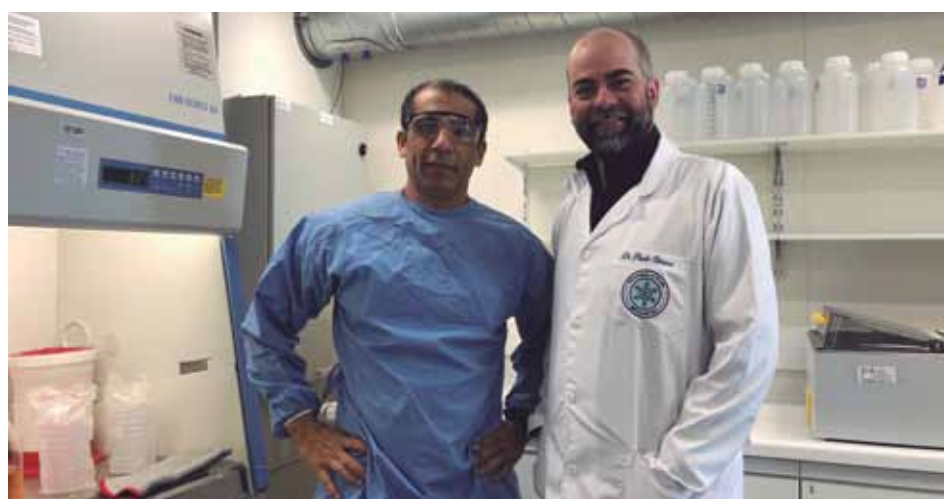
Ciência na Antártica, atividade de Estado



Muitos às vezes se questionam sobre a importância da presença do Brasil na Antártica, mas imagine o que é viver em um planeta que possui quase 10% de sua superfície dedicados à paz e à ciência, onde o meio ambiente é prioridade e todos vivem em um clima de perfeita colaboração. Pode parecer utópico, mas esse é nosso Planeta, graças a um simples e bem elaborado sistema, o Tratado da Antártica. Com cerca de 14 milhões de Km² e possuindo a maior reserva de água doce do planeta, a Antártica não pertence a ninguém, mas é regida pelo citado Tratado, sendo que apenas 29 países são os seus cuidadores, responsáveis pelo seu destino e futuro, entre eles o Brasil.

O Brasil está entre as 29 nações do mundo com direito a voz, voto e veto nos destinos desse que é o mais pristino dos continentes; somos o que se convencionou chamar de Membro Consultivo do Tratado. Nossa participação pode decidir os rumos desses quase 10% do Planeta, seja para preservá-lo, seja para explorá-lo, seja para autorizar ou banir atividades lá realizadas, incluindo a exploração dos recursos minerais ali presentes (tais como água, petróleo, gás natural e ouro, entre outros), cuja exploração hoje está banida, mas que muitos acreditam que um dia despertarão a cobiça das nações.

Por que o Brasil está nesse seleto grupo de nações? Porque ele está de acordo com o previsto no art. IX do citado Tratado, ou seja, ele faz pesquisa científica! Nenhuma nação pode ser membro consultivo se não realizar pesquisa científica por lá.



Atividades de pesquisa na nova EACF

Ciente disso, o Brasil inaugurou, em 15 de janeiro de 2020, a nova Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), a nova casa do Brasil na Antártica, que possui uma ala inteiramente dedicada à atividade científica (Ala de Laboratórios Professor Dr. Rocha-Campos), com nada menos que 14 laboratórios, totalizando 17 laboratórios na Estação quando considerados os 3 externos, plenamente equipados para realizar a ciência de ponta que se espera dos países consultivos do Tratado. Os novos laboratórios irão possibilitar uma série de experimentos que antes não eram possíveis de serem feitos no local, propiciando uma melhora substancial na qualidade e quantidade das pesquisas, em áreas tão diversas como Microbiologia, Biologia Molecular, Ecologia, Química, Meteorologia, Microscopia, Oceanografia e Biologia Marinha, entre outras.

Podemos afirmar que não há, em toda a Península Antártica, uma estação tão moderna

e bem equipada com tantos laboratórios. Assim sendo, a nova EACF adquire várias facetas, possibilitando novas descobertas que vão desde a ciência básica, conservação dos ecossistemas, até o estudo de novos organismos, que podem ser fontes de todo tipo de substâncias, como novos anticongelantes, novos fármacos, curas para doenças e potenciais novos defensivos agrícolas, entre as inúmeras possibilidades biotecnológicas.

Ao mesmo tempo, ao possibilitar ciência de qualidade, a nova EACF reforça nossos interesses junto aos demais membros consultivos do Tratado, enviando, assim, claro sinal de nossa presença e intenções a longo prazo e oferecendo maiores conforto e segurança ao pessoal que desenvolve suas atividades no continente gelado, cientistas e militares.

Por Prof. Paulo E.A.S. Câmara, Universidade de Brasília